

A questão energética: a Venezuela do petróleo entre os anos de 1910 e 1980

Mariana de Oliveira Lopes¹

Este artigo visa analisar o papel do petróleo na Venezuela entre os anos de 1910 e 1980, demonstrando incidência sobre a política, a economia e a sociedade venezuelana. Ao longo do século XX, principalmente no período aqui analisado, o petróleo foi a principal fonte de renda do país, responsável por grande parte do PIB nacional e pela quase totalidade da exportação. É fonte de abastecimento segura para os países europeus e principalmente para os EUA.

O início da exploração petroleira venezuelana se deu com a entrada das grandes corporações internacionais do petróleo, por meio das políticas de concessões de campos pelo Estado. Primeiramente a Shell Corporation, consórcio britânico-holandês, e em seguida, após a primeira Guerra Mundial, a Standart Oil dos EUA, fruto da divisão imperialista do mundo.² A Venezuela estava entre os principais campos de exploração e o país se tornou, na década de 1940, o maior produtor de petróleo do mundo.

Buscaremos demonstrar ao longo do texto que, em total ligação com o imperialismo, o país desenvolve um campo industrial restrito vinculado ao petróleo, uma burguesia nacional rentista, parasitária e uma política de importação que beneficia uma pequena parcela da burguesia local e a grande burguesia imperialista.

O recorte feito neste artigo tem como objetivo demonstrar o papel do petróleo entre 1910 e 1980, anos de abertura e benefícios das grandes corporações de petróleo na Venezuela, com a ajuda do Estado³ e com isso contribuir com as análises sobre a Venezuela atual.

ENEZUELA: O papel do petróleo nos primeiros anos do século XX

Para analisar o caso específico venezuelano temos que, conforme Asdrúbal Baptista:

“(...) ressaltar a súbita interrupção por volta dos anos 1920, do curso da atividade econômica que vem do século XIX. Encerra aqui um padrão de comportamento econômico com um ritmo pouco expansivo e em seu lugar passa a ocupar um novo padrão que foi capaz de provocar um vertiginoso crescimento da economia. Em segundo lugar, temos que indicar também ao menos a súbita interrupção da expansão econômica que ocorre em fins da década de 1970. Finalmente, sobressai a deterioração e paralisia que continua, e que se prolonga por quase trinta anos até quase o presente”.⁴

Com isso em mente, cabe então perguntarmos, o que aconteceu especificamente com o desenvolvimento venezuelano e principalmente qual o papel do petróleo neste processo.

Poucas coisas ocorrem no país que não tenham, direta ou indiretamente a ver com o petróleo⁵. Como em outros países da América Latina, a burguesia local nasceu em ligação direta com o imperialismo e, neste país, isto se deu por meio do petróleo. Antes da exploração deste minério, o país era agrícola (principalmente café e açúcar), despovoado e empobrecido, com reduzida importância no cenário internacional. Conforme Maringoni, o país passava por uma crise, onde a dívida pública era quatro vezes maior que o orçamento nacional. A concentração da riqueza estava nas mãos dos poucos latifundiários, o que condenava a maioria da população à miséria.⁶

1 Mestranda Ciências Sociais- Unesp-Marília.

2 Para isso ver VLADIMIR Lênin, *Imperialismo: fase superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1982.

3 Este artigo não descarta a necessidade de analisar os anos seguintes do século XX e XXI. Pelo contrário, esta será realizada numa posterior análise.

4 BAPTISTA Asdrúbal, *El capitalismo rentístico petrolero*. Elementos

cuantitativos de la economía venezolana, In *Cuadernos Del CENDES* ano 22, n.60 p.95-111, 2005, p.97. Tradução de Mariana de Oliveira Lopes.

5 LANDER, Edgard e MAYA, Margarita. Venezuela, petróleo e golpe, In *Revista OSAL*, n.7: Disponível em: www.osal.clacso.org, 2002.

6 GILBERTO, Maringoni. *A Venezuela que se inventa*. Poder Petróleo e intriga nos tempos de Chávez. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

A história petroleira⁷ na Venezuela se inicia por volta de 1907, durante o governo do general Cipriano Castro. Concessões de milhares de hectares foram cedidas para os grandes trustes do petróleo, primeiro o consórcio britânico-holandês Royal Dutch Shell, na região do lago Maracaibo, em Zulía.⁸ Em 1908 já no governo Gómez, a Venezuela se transformou em um feudo privado abrindo o país para o capital estrangeiro, com ajuda e proteção dos Estados Unidos.

A primeira Guerra Mundial também repercutiu sobre a exploração de petróleo na Venezuela. Em 1915 a Shell não devolveu ao Estado, como previa a concessão de Vigas, os espaços não-explorados. De outro lado, os Estados Unidos, com medo de ficarem para trás na corrida pelo ouro negro, foram buscar concessões convenientes em todo o mundo, inclusive na Venezuela. Em 1919, os EUA são favorecidos pelo governo Gómez, em detrimento dos ingleses. Foram cedidas cinco concessões no Lago Maracaibo à Standart Oil, região com um dos maiores campos da Venezuela.⁹

Este período marca o início da luta entre a Standart¹⁰ e a Shell pela hegemonia no mundo do petróleo, tanto no interior da Venezuela quanto no mundo todo. As empresas estrangeiras lograram do general Gómez uma legislação assegurando estabilidade política, administrativa e fiscal, além de condições definidas de concessões, royalties e cobrança de impostos. Em contrapartida o Estado seria proprietário das jazidas, além de receber 15% do total produzido.¹¹

Segundo O'Connor, a primeira legislação petrolífera na Venezuela data de 1918. Impediam-se futuras concessões de um milhão de hectares e se estabeleciam os impostos e os novos royalties. As concessões se não exploradas em três anos deveriam ser devolvidas. Logo em 1922 criou-se uma nova legislação, com royalties e arrendamentos baixos, isenção de tarifas aduaneiras para importação de equipamentos e material, garantia de isenção de impostos, que foi aplaudida pelas companhias estrangeiras.

Neste período, um poço perfurado pela Shell¹² em La Rosa, (Maracaibo), jorrando 100 mil

barris diários e a descoberta do campo de Mene Grande, fizeram com que a produção se expandisse e a corrida pelo óleo negro na Venezuela se acentuasse.

“Em oito anos o negócio explodiu: de modestos 1,4 milhão de barris por ano, a Venezuela produzia, no final da década de 1920, 137 milhões de barris. Já era o segundo maior produtor mundial, atrás apenas, dos Estados Unidos. Não havia volta: aquela riqueza negra transformou a pátria de Bolívar numa economia rentista e importadora de bens industrializados, que fez a delícia das classes dominantes locais, inebriadas com o dinheiro fácil. A duríssima repressão gomezista, por sua vez, era tudo o que as empresas estrangeiras queriam”.¹³

Conforme afirma o autor, em 1928¹⁴ a Venezuela tinha superado a Rússia e México tornando-se o segundo maior produtor mundial. A Shell, a Gulf e a Standart na Venezuela detinham 99% da produção de petróleo. Além da Shell, as companhias norte-americanas Standart Oil of New Jersey, Gulf e Standart de Indiana obtiveram rendosas concessões com a criação da companhia venezuelana de petróleo.

“(…) o regime de latifúndio, que dominava 80% das terras privadas, não se enfraqueceu, mas conviveu e complementou a nova fonte de riquezas. A sólida aliança entre as classes dominantes internas- burguesia comercial, bancária e latifundiária- e os monopólios estrangeiros dedicados ao negócio do petróleo, materializada na política de concessões, perdurou até a morte natural do ditador, em dezembro de 1935”.¹⁵

Em contrapartida, como relata O'Connor, nenhum governo, mesmo se proprietário das jazidas, tinha independência de ação e decisão na política energética. Todas as decisões eram tomadas em Manhattan pelo magnata Rockefeller.

Com a morte de Gómez, o país girava em torno da indústria petrolífera e, com o desenvolvimento econômico, novas classes sociais se formavam: o proletariado petroleiro e urbano, uma incipiente burguesia industrial e pequenos e médios proprietários rurais. Em 1936, houve uma greve geral

7 Em 1878 já existia uma exploração de petróleo quase artesanal na província de Tachira.

8 Como não havia uma legislação específica do petróleo, o governo utilizou a legislação das concessões de asfalto para o petróleo. Foi dado, portanto, um prazo de 50 anos para as companhias petroleiras explorarem o petróleo na região.

9 Ibidem p.145.

10 A subsidiária da Standart Oil na Venezuela é a Creole.

11 GILBERTO Maringoni. *A Venezuela que se inventa*. Poder Petróleo e intriga

nos tempos de Chávez. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, p.87.

12 A empresa da Shell na Venezuela era a Caribbean Petroleum.

13 GILBERTO Maringoni. *A Venezuela que se inventa*. Poder Petróleo e intriga nos tempos de Chávez. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, p.87.

14 Neste período segundo o censo (apud MARINGONI, OP. CIT. p.87), a Venezuela possuía 3 milhões de habitantes e houve uma migração dos trabalhadores rurais para os campos petrolíferos.

15 Ibid, p.87.

dos trabalhadores¹⁶ em resistência às companhias estrangeiras e à “dança das concessões”.¹⁷

Este período foi marcado por fortes lutas entre os trustes imperialistas do petróleo, tanto que em 1937 a Standart Oil juntamente com a Shell eliminaram a Gulf como grande empresa no país. Por cem milhões de dólares, a Standart adquiriu metade da participação na Mene Grande, subsidiária da Gulf, e vendeu metade desta parte à Shell, assim as duas grandes associadas conservaram o controle e monopólio no país.

O petróleo representava 90% da exportação venezuelana, sendo a principal indústria. Em 1940, durante o governo do general López Contreras, houve uma queda nas receitas de petróleo que fizeram o governo e as companhias elaborar uma nova legislação baseada no *New Deal*. Os lucros do petróleo seriam divididos meio a meio entre as companhias e o governo. Esta divisão em metades iguais foi aceita pelas companhias porque, além das compensações que o governo oferecia, surgiram, neste período, novas forças políticas. Os títulos da maioria das concessões e arrendamentos eram viciados e Acción Democrática (AD) pedia seu cancelamento, alegando fraudes. O governo validava os contratos por mais 40 anos e como a maioria terminava em 1961, estes novos contratos seriam muito vantajosos para as companhias.¹⁸

Com a nova formulação jurídica aumentou-se a receita petrolífera em 80%. Para minimizar os conflitos que se instauraram no país, o ministério do desenvolvimento baixou o preço da gasolina na Venezuela, sendo esta a mais barata do mundo.

A esta altura a importância do petróleo venezuelano mundialmente era incontestável. Mais de 60% do abastecimento das forças aliadas na Segunda Guerra Mundial provinha da região do lago Maracaibo. Nos anos seguintes, a vinculação com os Estados Unidos levou o país a ser o maior beneficiário do Plano Marshall de reconstrução da Europa já que o petróleo venezuelano mais uma vez teve papel central na crescente demanda por energia das economias em recuperação.¹⁹

Por mais estáveis que estivessem as relações entre as grandes corporações e a Venezuela, Trinkunas afirma que ainda assim tinham conflitos, fricções. A verdadeira importância estratégica da

Venezuela para os EUA emergiu com o descobrimento de jazidas de petróleo em 1914, onde até certo modo, os EUA estiveram presentes na criação da indústria petrolífera venezuelana. As companhias petrolíferas norte-americanas e a *Royal Dutch Shell Corporation* criaram a infra-estrutura física para que a Venezuela se convertesse no maior exportador de petróleo no Hemisfério Ocidental. Também foram importantes influenciadoras na formulação das leis petrolíferas no país e no papel que este recurso natural teria em suas políticas.²⁰

A importância estratégica do petróleo venezuelano para os Estados Unidos foi confirmada durante a II Guerra Mundial e em cada crise política ou militar na Guerra Fria. O governo norte-americano apóia uma indústria petroleira privada, liderada por corporações internacionais.

Em 1945 a AD assume o governo com Rómulo Betancourt e apesar de, no plano político, aparentemente eliminar o que restava do regime gomezista, as bases econômicas da sociedade não foram alteradas. A concentração na propriedade fundiária permaneceu e aumentou a dependência externa do país. Neste contexto as companhias estrangeiras e o governo norte-americano não tinham o que reclamar. De outro lado, o ingresso petroleiro proporcionou uma melhoria na situação socioeconômica dos trabalhadores, fruto da política social-democrata da AD. Alguns anos depois, em 1948 uma comissão foi encarregada de pensar a criação de uma companhia petroleira nacional.

Neste mesmo ano, militares realizam um golpe militar. As forças armadas acusavam Betancourt de crimes e manobras, enquanto este acusava os oficiais de trabalharem em prol da Standart Oil. Os Estados Unidos nesta mesma época enviaram presença militar para a Venezuela. Para O'Connor, a relação golpe de Estado e EUA é real uma vez que as empresas monopolistas do petróleo sofreram altos encargos aumento de impostos, pagamentos onerosos aos trabalhadores, pressão na fiscalização, durante o governo social-democrata.

A ditadura instaurada pelos militares e P.J.²¹, beneficiou em muito os magnatas do petróleo, durou até 1958 e deixou o país numa bancarrota financeira, social e econômica. As classes dominantes e os monopólios do petróleo optaram pela via segura da política ditatorial, um regime de força. O capital

16 Esta greve que reivindicava reajuste salarial, assistência médica, moradia digna etc., colocou a classe operária venezuelana na cena política e por outro lado, teve como contrapartida uma onda repressiva sobre dirigentes políticos e sindicais, além do banimento de partidos de esquerda e entidades populares Ibid. p.91.

17 Termo utilizado por O'Connor (1962), p.111.

18 HARVEY O'Connor *O Petróleo em crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962, p.156.

19 Ibid, p.93.

20 TRINKUNAS, Haroldo. A. A revolução bolivariana da Venezuela. *Revista Military Review*, p.31-36, 2005 p.32.

21 Marcos Pérez Jimenez, tenente eleito pelo golpe de 1948.

financeiro expandiu suas atividades e o governo investiu pesado nas áreas de infra-estrutura.²²

Para as companhias petroleiras, os últimos anos de Pérez Jimenez (1956-57) foram muito bons, pois aumentaram suas reservas nacionais com aquisição de todos os campos restantes (do Lago Maracaibo, do estado de Barina) e tiveram um lucro de 829 milhões de dólares ou mais, segundo O'Connor.

Em 1958 os dirigentes dos partidos dominantes AD, URD (União Democrática Republicana), COPEI (católico) e PC (partido comunista) concordaram em juntar-se e convocar uma greve geral que derrubou a ditadura no país. Novamente Rómulo Betancourt assume em eleições diretas a presidência.

Com diversas opiniões acerca da “nova” política petroleira²³. A comissão para instituir uma empresa petrolífera estatal não deixou de beneficiar o imperialismo. Com as dívidas herdadas do governo militar, o Estado toma empréstimo com as companhias petroleiras (como adiantamento dos lucros), de cem milhões de dólares, além de mais duzentos milhões em créditos com banqueiros de Nova York.²⁴

O Pacto do *Punto Fijo*

A nova comissão, dirigida principalmente pela AD e COPEI decidiu por um pacto que acomodaria a partilha do poder às diversas frações da classe dominante (capital financeiro, empresas do petróleo, cúpula do movimento sindical, igreja e Forças Armadas). O Pacto Punto Fijo, foi uma tentativa de definir uma democracia liberal pró Estados Unidos e uma economia baseada no petróleo. Foi também um pacto de alternância de poder entre estes dois partidos políticos. Visava ainda conter as lutas sociais e eliminar qualquer foco de contestação integrando para isso a CTV (Central sindical) ao bloco no poder durante este período (por meio de cargos burocráticos).²⁵

Mais uma vez o recurso petroleiro

determinou a economia e a política venezuelanas. Rafael Villa afirma que a partir de 1958 não foi possível compreender a vida econômica do país sem compreender o papel protagonista do Estado, que em última instância, apresenta-se como o único proprietário do recurso petrolífero.²⁶ A democracia no país se inicia neste mesmo período, pois o pacto de conciliação aproveitou da base material da renda petroleira para distribuí-la de forma clientelista. Relata ainda o autor que o petróleo condicionou a forma de intervenção do Estado na economia e a forma de relação com os atores políticos (partidos, sindicatos, movimentos sociais, forças armadas, setor privado etc).

O novo governo da “doutrina Betancourt”²⁷ do partido AD, procurou estabilizar o preço do petróleo para assegurar à Venezuela uma renda estável e ainda se recusar a fazer novas concessões. Trinkunas afirma que este período caracterizou-se por um maior controle estatal sobre a indústria petroleira.²⁸

O sucesso do grupo das “sete irmãs”²⁹ durou até 1960, período em que elas dominaram o mercado dada a estabilização nos preços e produtos petroleiros proporcionados pelos diversos contratos obtidos dos Estados produtores (geralmente meio a meio do lucro bruto da exploração, como foi o caso da Venezuela por muito tempo). Dominavam não só quase a totalidade das reservas, mas também 3/4 da capacidade de refino e comercialização, cerca de 1/3 da frota de petroleiros, boa parte do tráfego marítimo e 90% do mercado mundial. Para Henry Deterding³⁰ o objetivo deste cartel era realizar um acordo mútuo incluindo “a produção, o transporte e venda de petróleo a preços pré-fixados (...) submetidos a um controle unificado e bem determinado; (...) e abastecer cada mercado, sempre que possível, a partir da fonte mais próxima”.

Os anos de 1960 significaram uma maior disputa entre as *majors* do petróleo, principalmente pelo surgimento de empresas estatais e de independentes. O preço do petróleo oscilou e as grandes corporações Standart e Shell decidiram pelo repasse aos estados produtores das baixas nos

22 GILBERTO Maringoni. *A Venezuela que se inventa*. Poder Petróleo e intriga nos tempos de Chávez. São Paulo: Perseu Abramo, 2004 p.99.

23A AD defendia a organização de uma companhia que se encarregaria das reservas nacionais e estabeleceria o monopólio sobre mercado interno, sem novas concessões e arrendamentos. A URD desejava que representantes do governo dirigissem as companhias estrangeiras de petróleo para controlá-las. O COPEI acredita que o país deveria agir como “os donos do petróleo”. Os comunistas defendiam a nacionalização e divisão dos lucros em 75-25, com participação do capital privado venezuelano nas indústrias nacionais e uma nova legislação trabalhista. A fedecámaras (organismo patronal) propunha a divisão em meio a meio nos lucros petroleiros HARVEY O'Connor. *O Petróleo em crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

24 A inversão econômica dos EUA na Venezuela é muito vantajosa já que o ouro negro deste país se situa territorialmente mais perto de Nova York que o de

Texas e México, sendo assim mais lucrativo investir na Venezuela que nestes dois campos. Ibid

25ALTAMIRO Borges *Venezuela: originalidade e ousadia*, São Paulo: Anita Garibaldi, 2005, p.25.

26VILLA, Rafael. *Venezuela: mudanças políticas na era Chavez*. In *Estudos avançados* vol.19 n.55 São Paulo, 2005.

27 Conforme chamada por Rafael Duarte Villa (2005).

28 TRINKUNAS, Haroldo. A. A revolução bolivariana da Venezuela. *Revista Military Review*, p.31-36, 2005 p.32.

29 Principais corporações monopolísticas do petróleo mundial: Standart Oil of New Jersey, Shell, Gulf, Texaco, Standart Oil of California e Móbil.

30 Apud DANIEL Hemery; JEAN-CLAUDE Debeir; JEAN-PAUL Deléage, *Uma história da energia*. Brasília: EdUnb, 1993, p.200.

preços.³¹

Para O'Connor, esta conjuntura proporcionou a união dos países exportadores de petróleo para a criação de um instrumento de defesa comum: a OPEP³². Para Trinkunas,

“A Venezuela também tentou promover suas opiniões a respeito da importância do controle nacional da produção de petróleo nos países em vias de desenvolvimento, valendo-se da sua condição de líder na criação da OPEP. Graças às negociações de ambos os governos, os desacordos sobre as políticas petrolíferas sempre foram resolvidos pacificamente. A Venezuela adquiriu uma reputação como um abastecedor confiável de petróleo para o mercado norte-americano, particularmente nos momentos de crises internacionais. Pela perspectiva venezuelana, perdeu-se uma oportunidade histórica, pois os EUA nunca demonstraram interesse na institucionalização de um relacionamento especial entre os dois países, no que concerne ao petróleo. Os venezuelanos culpavam as companhias petrolíferas norte-americanas pela sua oposição a tal procedimento”.³³

O maior controle estatal no setor energético levou os Estados produtores, a cada vez mais nos anos que se seguiram, a participar das rendas petrolíferas. As *majors* para não se prejudicarem e manterem seus lucros aumentaram em muito os preços do petróleo.

A decisão das cotas de importação das companhias estrangeiras, que era realizada em Washington, a partir deste momento foi contestada pela Venezuela, que a denunciava como uma violação da soberania nacional.

Finalmente, AD e COPEI conseguiram instituir uma companhia nacional, como há muito tempo insistiam: a CPV (Corporação Venezuelana de Petróleo) foi criada com participação estrangeira, sendo que metade da renda era do Estado. As reservas nacionais ao longo do Lago Maracaibo e outras áreas produtoras foram entregues ao Estado. Os sindicatos, por sua vez, se comprometeram em investir seus fundos em ações da corporação nacional.

A renda do petróleo serviu mais uma vez para suprir as necessidades internas e para o desenvolvimento nacional. Em 1960 a exploração do petróleo caiu e o desemprego aumentou no país. Para Maringoni, Betancourt fez uma administração (1959-1964) voltada para formar uma burguesia nacional, com uma política de substituição de importações e vultosas concessões ao capital estrangeiro do petróleo. Seu governo conciliou conflitos e concessões. Para isso, fornecia subsídios ao setor industrial e facilidades para as grandes companhias petrolíferas. Conforme Maringoni (2004), a burguesia nacional venezuelana nasceu em total ligação com o imperialismo.

A criação da CPV na verdade servia de ponte para os chamados “contratos de serviços” com as companhias estrangeiras e foi a primeira estatal a participar diretamente de todas as etapas da indústria do setor, da exploração à comercialização. Estes contratos de concessões se davam com a formação de “empresas mistas”, segundo o economista venezuelano Maza Zavala.³⁴

Conforme Pablo Hernandez³⁵, as empresas mistas têm sido a solução que o capital petroleiro internacional utiliza em todo o mundo como mecanismo de penetração onde o petróleo é estatizado. Desde este período, com a criação da CPV e a política de não mais realizar concessões, as empresas mistas têm sido o cavalo de Tróia do capital internacional em sua penetração e controle do negócio petroleiro.

O auge da bonança petroleira durou dez anos. Começou em 1973, quando os países da OPEP pressionaram os preços que quase quadruplicaram ao longo daquele ano e triplicaram até o final da década após a revolução iraniana em 1979.

Outro grande marco posterior à criação da OPEP foi a nacionalização do petróleo em 1 de janeiro de 1976. Resultado de um jogo político, a nacionalização na Venezuela teve como objetivo aumentar a participação estatal na receita fiscal da indústria, colocando ponto final na política de concessões. Em 1975 criou-se a *Petróleos de Venezuela S.A.* (PDVSA)³⁶ pela união da CPV com as

31 A primeira redução de 0,18 dólares custou aos países exportadores 476 milhões de dólares beneficiando os EUA e Europa Ocidental HARVEY O'Connor. *O Petróleo em crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

32 Organização dos países exportadores de petróleo. Para saber mais ver www.opec.org

33 TRINKUNAS, Haroldo. A. A revolução bolivariana da Venezuela. *Revista Military Review*, p.31-36, 2005 p.32.

34 Apud Maringoni, 2004. ZAVALA, M. Historia de meio século na Venezuela, 1926-1975. In: GONZÁLES CASANOVA, P. (org), *América Latina, história de meio século*, vol 2. Brasília, UnB, 1977. Atualmente, Zavala é diretor do Banco Central da Venezuela-BCV, 2008.

35 PABLO Hernandez. *El verdadero golpe de PDVSA*. Mérida: Imprenta

Internacional C.A., 2006, p.31.

36 Por meio de suas filiais, a PDVSA atua em diversas instâncias pelas filiais: Corporação Venezuelana de Petróleo (CPV) negocia com terceiros; Palmaven adianta a s políticas sociais; Deltaven vende produtos e serviços tanto na Venezuela como no exterior; PDVSA Gás comercializa hidrocarbonetos gasosos nos mercados nacionais e internacionais; PDV Marina transporta e distribui hidrocarbonetos e seus derivados; Intervep desenvolve investigação científica e tecnológica; Bariven para aquisição de materiais e equipes das demais áreas (*PETRÓLEO INTERNACIONAL Investigación para la industria de los hidrocarburos en América Latina, 2008*) http://www.petroleo.com/pi/secciones/PI/ES/MAIN/IN/ARTICULOSREPORTAJESHOME/doc_60351_HTML.html?idDocumento=60351).

13 concessionárias nacionais, entre as quais estão Lagoven, Corpoven e Maraven, tendo o controle das atividades petroleiras depois da nacionalização do petróleo, gerando mais de 70% do ingresso de divisas.

As 15 concessionárias privadas existentes no país, dentre elas a Exxon, a Shell e a Mobil, logo integraram seu organograma tornando-se filiais da estatal no negócio. Para não gerar grandes abalos, o governo decide manter a mesma estrutura administrativa existente. Formalmente a empresa estaria subordinada ao Ministério de Minas e Energia.

Segundo Hernandez, desde Cipriano Castro até a nacionalização, as companhias petroleiras nunca foram proprietárias formais do petróleo extraído do subsolo, mas, com a outorga feita por meio dos contratos de exploração (concessões), elas se assenhoreavam de fato do petróleo. Para uma companhia (como para qualquer capitalista), o petróleo que interessa é o que tira do subsolo e não o que fica. As empresas mistas não são mais que vulgares concessões petroleiras, mediante o processo pelo qual as companhias aumentam suas reservas petroleiras sem necessidade de serem donas formais dela.³⁷

Com o tempo, a estatal foi perdendo seus objetivos iniciais, embora formalmente pública a PDVSA tratou de limitar seus deveres fiscais por meio de uma agenda cada vez mais divorciada do Estado. Isso porque as companhias transnacionais estabeleceram as estratégias de mercado da gigantesca companhia venezuelana.³⁸

III Algumas notas sobre o início da abertura neoliberal

Na década de 1980, o preço do petróleo começou a cair, de US\$ 38/barril em 1981; US\$ 33 em 1984 para US\$ 12 em 1986 e US\$16 em 1989, com a guerra entre Irã e Iraque.³⁹

Neste período, o governo não conseguia mais controlar os preços internacionais do petróleo e, a partir de 1980, com a queda na demanda, fruto da desaceleração econômica mundial, “buscando fazer frente a dificuldades de caixa, resultante das oscilações do mercado, a partir de 1982 a PDVSA começou a tentar escapar, por meio de inúmeros subterfúgios, da política da OPEP”.⁴⁰

O governo de Campins (1979-84) iniciou um processo de desaceleração do PIB com características neoliberais. Todavia, as resistências levaram esta política ao fracasso. O governo procurou, então, fazer uma política de valorização cambial para conter a inflação, o que ocasionou grande fuga de capitais. Em 1983, a moeda nacional (Bolívar) se desvalorizou, resultado da queda substancial dos preços do petróleo. E a dívida pública disparou.

Segundo Hernandez, foi no meio dos anos oitenta que se confirmaram as denúncias da *Asociacion para el estudio del pico del petróleo* (ASPO)⁴¹, sobre a falsificação que fizeram todos os países da OPEP quando adulteraram as informações sobre suas reservas de petróleo, em cumplicidade com as companhias petroleiras e os bancos internacionais, para renegociar a dívida externa e convertê-la em dívida interna. Afirma ele: “Todos recordamos quando Lusinchi⁴² anunciou o melhor refinanciamento do mundo e um ano depois cinicamente declarava que o banco o havia enganado”. Todos os governos da OPEP, segundo o autor, sem nenhuma exploração real duplicaram e até triplicaram suas reservas em uma confabulação com o banco internacional e os trustes do petróleo.

Em dezembro de 1988, no segundo governo Perez, de grande prestígio internacional, seguiu-se com o lema do primeiro mandato: *Democracia com energia*. As finanças em queda, consequência da acentuada baixa nos preços internacionais do petróleo, ocorrida nos anos anteriores, as escassas reservas do Banco Central, a alta inflação, o desemprego e fuga de capitais completavam o quadro econômico do país.

Um acordo com o Fundo Monetário Internacional, com o objetivo da liberação de mais um empréstimo no valor de US\$ 4,5 bilhões, foi feito e teve como contrapartida, resultado da política neoliberal imposta por Washington, desvalorização da moeda nacional; redução do gasto público e do crédito; liberação de preços; congelamento de salários e aumento dos preços de gêneros de primeira necessidade. Com isso a gasolina sofreu um reajuste imediato de 100%, aumentando em 30% o transporte coletivo.⁴³

37 PABLO Hernandez. *El verdadero golpe de PDVSA*. Mérida:Imprenta Internacional C.A., 2006 p.31.

38 GILBERTO Maringoni. *A Venezuela que se inventa*. Poder Petróleo e intriga nos tempos de Chávez. São Paulo: Perseu Abramo, 2004 p. 106.

39 CANO, Wilson. Venezuela: limites para uma nova política econômica. In *Revista Economia e Sociedade*, Campinas, v.11, n.1 (18), p.95-127, 2002.

40 GILBERTO Maringoni. *A Venezuela que se inventa*. Poder Petróleo e intriga nos tempos de Chávez. São Paulo: Perseu Abramo, 2004 p.106.

41 Apud PABLO Hernandez. *El verdadero golpe de PDVSA*. Mérida:Imprenta

Internacional C.A., 2006, p.46.

42Presidente da República entre 1984-1989.

43Este fato e também as políticas de reajuste econômico do governo Perez foram algumas das causas de uma rebelião no país denominada Caracazo em 27 de fevereiro de 1989, que deixou grande quantidade de mortos. Em sua maioria praticada pelos oficiais do Estado (Margarita López Maya, “Venezuela, la rebelion popular del 27 de febrero de 1989, resistencia a la modernidad?” *Revista Venezolana de Economia y Ciencias sociales*, n.5. Caracas, 1999, p.177-199).

Mais uma vez os EUA determinaram a realidade venezuelana. A crise deste período foi o início do fim do pacto puntofijista. Na sequência, veio a abertura neoliberal do país.

O período aqui abordado, especialmente no que se refere à relação com o petróleo e com os EUA, influenciou a política e a economia do Estado venezuelano nos anos seguintes.

Considerações finais

Ao longo do texto buscamos demonstrar o papel do petróleo no período denominado imperialista monopolista e o porquê da expansão da exploração no contexto venezuelano no primeiro quartel do século XX. Conforme analisamos, o petróleo foi essencial neste processo de acumulação numa etapa de concentração e centralização do capital nunca antes vista.

Na Venezuela este processo foi também chave na política e na economia nacionais. Com uma economia essencialmente voltada para exportação de petróleo, esta foi, ao longo do século XX, a grande determinante do PIB nacional e a grande responsável pelas finanças e investimentos do país.

Para Ayerbe, com o surgimento da fase monopolista do capitalismo a partir do último quartel do séc. XIX ocorre um amplo processo de mudanças na economia internacional. Ao mesmo tempo em que crescem o comércio mundial de produtos primários e as áreas destinadas à sua produção, também aumenta o fluxo de capitais em direção aos países periféricos, por exemplo, a América Latina.⁴⁴

Desta dependência percebemos o surgimento de uma burguesia nacional parasitária interligada ao imperialismo e de partidos políticos com diferentes interesses, mas que se uniram em um pacto para harmonizá-los. O chamado pacto *punto fijo*, ao mesmo tempo em que deu uma fachada democrática para o governo nacional, proporcionou uma política do continuísmo. Desenvolvimento da indústria petroleira e benefício dos grandes grupos monopolistas do petróleo: o grupo de Rockefeller e a Shell Corporation.

Para Hémerly, Debeir e Deleage, a imposição dos Estados produtores e das companhias independentes na década de 1960, por um maior controle estatal, iria prejudicar de certo modo o poder das sete irmãs. Apesar disso, as companhias privadas e as estatais constituídas neste período convivem em

elos de contratos de serviços e comercialização e permanecem até hoje como as maiores do mundo. As sete irmãs controlam 70% da produção mundial de petróleo.

A intervenção feita pelos EUA no preço da energia no mercado internacional, foi sua maneira de resolver o dilema da crise. A renda petroleira veio a socorrer o lucro das grandes companhias monopolistas como a Standart e a Shell. O lucro destas empresas foi assegurado em troca de uma perda de controle sobre a produção, mesmo quando o Estado produtor administra a empresa nacional, na Venezuela, a PDVSA.

O desequilíbrio que estes fatores causaram nos países produtores foi enorme: desaceleração do crescimento do PIB, desvalorização da moeda nacional, inflação e dívida externa. A fachada industrial que as receitas de petróleo proporcionavam à Venezuela não impediu mais um acordo com o FMI para refinarçar a dívida e fazer mais empréstimos. Já durante o governo de Lusinchi, observamos esboços de políticas neoliberais que serão realmente implantadas durante o segundo governo de Carlos Andrés Perez. Em 1988, fez-se o acordo com o FMI e adotaram-se as medidas do Consenso de Washington.

Na “nova” fase, imperialista, os Estados não perdem força nem se diluem. Pelo contrário, sua função aumenta. Requer um processo ao mesmo tempo político, econômico e ideológico e, por isso, não se encerram as relações de dominação e dependência política entre eles.⁴⁵ Para Harvey, este período se singulariza pela importância das espoliações internas e externas, forjando os “novos espaços” que criam condições materiais ao processo de acumulação capitalista. É o novo perfil da exportação de capitais que incentiva as políticas neoliberais e gera espaços para acumulação⁴⁶. Assim podemos entender que a estreita relação entre o Estado nacional venezuelano e as grandes corporações do petróleo favoreceu o processo de acumulação imperialista.

Tudo no país está relacionado ao petróleo. A alta ou a baixa deste produto, afeta as finanças, as políticas, a sociedade etc. Entretanto sabemos que o petróleo não é dirigido apenas no âmbito interno, das políticas nacionais, mas também externo. Em Manhattan e Washington definem-se importantes aspectos das políticas nacionais venezuelanas. Poulantzas afirma que neste período a dominação do modo de produção capitalista não se dá mais apenas

44 LUIS FERNANDO Ayerbe. *Estados Unidos e América Latina: A construção da hegemonia*. São Paulo: Unesp, 2002, p.47.

45 NICOS Poulantzas. *As classes sociais no capitalismo de hoje*. Rio de

Janeiro: Zahar, 1975.

46 DAVID Harvey. *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004.

do exterior, mas estabelece sua dominância no próprio seio dos países dependentes.

Na Venezuela percebemos que durante o período analisado, o bloco no poder agia na maioria das vezes em total conexão com o imperialismo. As classes dominantes locais equilibravam o domínio do país por meio de contratos, concessões ao capital estrangeiro e corrupção. Beneficiando as empresas petroleiras, viviam como uma burguesia parasitária⁴⁷ devido aos lucros que este setor fornecia.

A Venezuela se caracterizou ao longo do século XX (aqui recortado entre a década de 1910 a década de 1980), por um capitalismo rentista petroleiro, onde as classes dominantes locais, o Estado e as grandes corporações de petróleo se beneficiaram com o produto nacional. Recorrendo à formulação de Franz Lee⁴⁸, a política imperialista do petróleo foi, no período analisado neste trabalho, para a Venezuela, uma praga capitalista em nível global.

47 Lênin, 1982.

48 FRANZ, Lee; JUTTA, Schmitt, Venezuela: La revolucion pasando el Rubicón. Mérida: IMMECA, 2006.